

PASTORAL EM CRISE

Paulo e o ministério contemporâneo

AILTON SANCHES JR.

Copyright © **Editora Saber Criativo**, 2018.

Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada, armazenada em sistemas eletrônicos, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos ou outros quaisquer sem a autorização prévia da editora.

Revisão: Sidney Sanches e Regina Fernandes Sanches

Capa e diagramação: Elissa Gabriela F. Sanches

Ficha catalográfica

S211p - Sanches Junior, Ailton
Pastoral em Crise / Ailton Sanches
Junior. Campinas: Editora Saber Criativo, 2018.
192 p.
ISBN 978-85-54925-10-9

1. Ministério Pastoral 2. Antropologia Paulina
1. Título

CDD: 250
CDU: 2-18
2-72

EDITORA SABER CRIATIVO

Conheça outros títulos nossos em: www.sabercriativo.com.br

*Ao meu amado e eterno pai,
homem que viveu e trabalhou por Cristo.*

AILTON SANCHES

1935 - 2005

Sumário

9 Introdução

1. OS PROBLEMAS DO MINISTÉRIO PASTORAL CONTEMPORÂNEO

- 16 Discurso persuasivo *versus* pregação cristocêntrica
- 24 Templos e números *versus* formação de discípulos
- 30 A Teologia da Prosperidade *versus* o seguimento de Cristo
- 43 Má formação de pastores *versus* vocação e preparo
- 49 *Síntese*

2. INTRODUÇÃO GERAL ÀS CARTAS PASTORAIS

- 57 A situação histórico-biográfica e datação
- 64 Questões críticas: gênero literário, linguagem e estilo
- 66 Relação comum entre o conteúdo das cartas
- 73 O ambiente teológico: os falsos mestres
- 76 Os personagens
- 80 O desenvolvimento do ministério
- 88 *Síntese*

3. RESGATE DA IMAGEM PASTORAL DO APÓSTOLO PAULO

- 95 Plantador de Igrejas
- 101 Pai, mestre e modelo
- 106 Ministro de Cristo Jesus
- 110 Autoridade e cuidado pastoral
- 116 O cristocentrismo da espiritualidade pastoral paulina
- 122 *Síntese*

4. DIREÇÕES DAS CARTAS PASTORAIS PARA O MINISTÉRIO EVANGÉLICO ATUAL

- 131 Qualificações individuais indispensáveis aos pastores
- 148 A prática pastoral na comunidade
- 165 *Síntese*

167 **Conclusão**

175 **Referências**

183 **Apêndice 1**

187 **Apêndice 2**

Introdução

“A humanidade vive uma de suas mais profundas crises, como se um tornado estivesse passando por aqui, jogando tudo para o ar, e nós, ainda meio tontos, estivéssemos tentando juntar os destroços antes de uma nova tempestade” (GONDIM, 2004, p. 13). Com esta frase, Ricardo Gondim, pastor da Igreja Assembleia de Deus Betesda, prefaciando o livro *Uma Igreja sem propósitos: os pecados da Igreja que resistiram ao tempo*, expõe o modo como se apresenta o cenário mundial afetado por tantos acontecimentos e mudanças ocorridos, pelo menos, nos últimos cinquenta anos.

Após a queda do paradigma racionalista, humanista e positivista, o que se vê é um cenário de re-invenções de quebra de conceitos, de novas ordens sendo estabelecidas, de planos de emergência, de tratados dos mais diversos contra as guerras ou a favor delas, de crescimento do terrorismo e do medo, dos desempregos maciços, das pressões de grupos sociais diversos alterando o conceito de família, dos escândalos políticos, do mau uso dos recursos naturais, das descobertas

homéricas no campo da genética.

É quase impossível achar que todos esses acontecimentos não afetaram ou não afetam as estruturas eclesiais – a Igreja local – e, principalmente, a formação e o desenvolvimento da vida cristã pessoal. As bases ou paradigmas do Cristianismo também foram afetados nos últimos cinquenta anos e o são muito mais hoje. A impressão é que um grande furacão passa sobre a Igreja de tempos em tempos, destruindo os fundamentos antigos e estabelecendo novos e/ou provisórios que podem ser modificados com os próximos ventos.

A crise que sopra a/na Igreja afeta a todos, desde a liderança mais engajada até o cristão recém-chegado. Nas palavras de Ricardo Gondim,

Hoje se publicam muitos livros ensinando macetes que prometem alavancar a Igreja numericamente. Há uma epidemia de seminários e de manuais afirmando que técnicas gerenciais tornarão a Igreja relevante. Os pastores acreditam na máxima do mercado: quem não tem competência não se estabelece. O sucesso passa a ser urgente, e uma máquina empresarial substitui a missão. Nesse clima, a espiritualidade torna-se utilitária, promovendo relacionamentos superficiais. Pressionados pelo mercado, pastores passaram a ver outros colegas de ministério como concorrentes, transformaram seus discursos em apelos mercadológicos, fizeram de seus púlpitos uma plataforma de espetáculos e passaram a tratar os fiéis como clientes. Todo esse vendaval aconteceu em menos de uma geração (GONDIM, 2004, p. 14).

Por isso não é preciso tanto esforço para perceber a alta rotatividade dos cristãos à procura de igrejas que possam oferecer-lhes algo novo. Também não é preciso tanto esforço para notar que essas novas formas de discursos, que apelam para o mercado, surgem carregadas de novas tendências e consequências teológicas. Dois exemplos evidenciam isso: o primeiro, na perspectiva da chamada batalha espiritual

atual, de maneira generalizada, trocou-se a centralidade do culto na pessoa de Jesus Cristo pela ênfase em Satanás e seus demônios. Em alguns cultos se dá tanta ênfase ao que o Diabo pode ou não pode fazer que sequer mencionam o que Jesus Cristo fez na cruz, cerca de dois mil anos atrás. Isso gera consequências, por exemplo, primeiro, no que diz respeito ao modo como esses cristãos desenvolverão sua vida cristã: “Com medo do Diabo?” ou “Com temor a Deus e Jesus Cristo?”. Segundo, na evidente transformação do conteúdo do Evangelho em mercadoria, Deus é transformado num servo que *deve* atender a qualquer tipo de desejo daquele que exige algo em nome de Seu Filho! A fé ganhou aspectos mágicos, tipo *abracadabra*, e a oração passou a ser considerada o meio para reivindicar a Deus-Pai todos os *direitos obrigatórios* como filho.

As consequências e manifestações dessa crise podem e, de fato, têm atingido as bases da Igreja, tanto organizacionais quanto teológicas. Às vezes, na tentativa de querer *fazer* uma Igreja relevante demais para o mundo, tomam-se como irrelevantes os fundamentos tradicionais da própria teologia e fé cristãs. O foco é perdido. Se isso acontece, a Igreja e o pastorado perdem a sua finalidade, seu propósito, sua missão. Consequentemente, os cristãos deixam de ser cristãos-discípulos e passam a ser os *consumidores* secularizados dos produtos oferecidos pela empresa-elesiástica, que cada vez mais faz de tudo para manter seus *clientes* satisfeitos.

É visível o espírito do consumismo que toma conta das igrejas. Os paradigmas que orientam o consumismo numa sociedade tipicamente capitalista são os mesmos que têm penetrado nas Igrejas, *coisificando* tudo, inclusive as pessoas e os relacionamentos, depreciando-os, tornando-as individualistas, egoístas, impessoais, etnocêntricas. Homens e mulheres passam a ter o seu valor definido pelo: 1) poder aquisitivo; 2) grupo a que pertence; e/ou 3) capacidade produtiva. Desse modo, a Igreja deixa de ser formada por aqueles que, segundo os textos paulinos, foram alcançados pela Graça salvadora de Cristo e vivem em comunhão (*koinonia; ekklesia*),

passando a ser vivida como mais um evento cultural, um clube social, de uma sociedade normal com suas peculiaridades mercadológicas.

Discutir a vida da Igreja, sua natureza, seus ministérios, seus ministros e membros é necessário, sempre. Não significa que a mesma coisa feita no passado deverá ser feita no presente. Não significa fazer a mesma coisa, mas, antes, rever tradições, diretrizes, métodos, estratégias, que possam servir de fundamentos para o desenvolvimento de algo na atualidade. É conhecer para inovar. Saber o que aconteceu em cada período da história para compreender o momento presente e empreender uma nova ação (exercício de *práxis hermenêutica* da história) a partir dos desafios do tempo e contexto presentes.

Ser pastor nos dias atuais é mais difícil do que em qualquer outra época de que se tem lembrança. Este século testemunhou o colapso do consenso cristão que manteve a cultura ocidental coesa durante séculos. A sua secularização empurrou as igrejas para as margens da consciência de nosso país. O relativismo moral, que acompanha uma visão secular da realidade, afeta profundamente a obra da Igreja e o seu ministério (FISHER, 2001, p. 5).

Concordando com as palavras acima, observamos que, por conta da crise que alcança a Igreja, há uma extensão dela sobre o ministério pastoral nos dias de hoje, que traz perplexidade. Esta perplexidade faz gerar inúmeras inquietações e questionamentos do tipo: como exercer o pastorado em um contexto desses? Como ser um pastor segundo os moldes bíblicos e não se contaminar com os modelos não-bíblicos que surgem todos os dias? Como a reflexão teológica pode ser útil nessa tarefa? Onde encontrar, nas Escrituras Sagradas, pistas para a construção de um modelo bíblico a ser seguido pelos pastores hoje? As cartas e a teologia de Paulo podem nos orientar nesse trabalho?

1. Os problemas do ministério pastoral contemporâneo

Discurso persuasivo *versus* pregação cristocêntrica

Templos e números *versus* formação de discípulos

A Teologia da Prosperidade *versus* o seguimento de Cristo

Má formação de pastores *versus* vocação e preparo

Síntese

1.

Os problemas do ministério pastoral contemporâneo

Nos dias atuais, as estruturas sociais estão sofrendo mudanças em suas bases mas, também, as Igrejas evangélicas brasileiras têm sido atingidas, tanto nas suas estruturas organizacionais quanto teológicas. Se isso é verdadeiro, então é necessário realizar mais que um exercício de identificação dessas mudanças. É preciso, ainda, mensurá-las em relação ao nível de suas consequências para a vida das igrejas e do pastorado.

Nosso objetivo é identificar algumas atitudes ou

características problemáticas nelas presentes, com relação à formação e ao desenvolvimento do ministério pastoral, da pregação, das ênfases evangelísticas e teológicas, das preocupações pastorais que ora se apresentam inversas, indicar suas bases pseudobíblicas julgando-as à luz da Bíblia, resgatando os princípios nela estabelecidos como Palavra de Deus, enquanto regra de fé e prática.

Discurso persuasivo *versus* pregação cristocêntrica

As igrejas evangélicas brasileiras têm experimentado o maior crescimento numérico desde sua chegada ao país. Contudo, ao mesmo tempo, têm experimentado uma crise nos seus púlpitos. Com frequência cada vez maior o padrão da pregação tem sido degradado. Mais preocupados com números e com a satisfação dos seus ouvintes, os pregadores contemporâneos lançam mão de vasta gama de instrumentos para atrair as pessoas e convencê-las com as suas pseudo-verdades anunciadas.

Para satisfazer a busca desenfreada e vencer as concorrências no atual mercado religioso¹, os pregadores exploram o sensacionalismo, o consumismo e o imediatismo, prometendo a realização do impossível desde que os seus ouvintes sigam seus conselhos e contribuam ao final. As questões levantadas por Luís Wesley de Souza, pastor metodista, revelam sua preocupação com os pregadores e suas mensagens:

Há muitas mensagens convenientes, irrelevantes e cheias de afagos teológicos que não chamam a Igreja ao

1 Para uma investigação mais aprofundada e densa sobre a discussão do fenômeno religioso contemporâneo, ver duas obras de João Batista Libânio, teólogo jesuíta: *A religião no início do milênio* (2002) e: *Olhando para o futuro: perspectivas teológicas e pastorais do Cristianismo na América Latina*

arrependimento. Há pregações que ouço por aí que me fazem retorcer no banco de tanta indignação. Já me perguntei várias vezes: o que há com boa parte de nossos pregadores? Quem os transformou em superstars? Quem os ensinou a pregar com tanta insensatez? Por que já não mais sobem ao púlpito sob a convicção do Espírito e em conformidade com todo o conselho de Deus? Por que não expõem a Palavra de forma integral e integrada? (SOUZA, 2004, p. 94).

Um dos motivos da provável incerteza a respeito do Cristianismo, do Evangelho e da função da Igreja deve-se, provavelmente, ao fato de que os próprios pregadores perderam sua confiança na Palavra de Deus e/ou já não se dão ao trabalho de estudá-la com dedicação e de anunciá-la com temor. Na verdade, os púlpitos estão repletos de muitas coisas, exceto do forte conteúdo bíblico. As mensagens são esvaziadas da soberania de Deus, da centralidade de Jesus Cristo e do poder do Espírito Santo que geram compromisso dos crentes e engajamento com a missão de levar avante o Reino de Deus. São mensagens prejudiciais e não produtivas.

Os resultados são sintomáticos. Como a pregação da Palavra não é levada a sério, mas de modo despreocupado, as consequências são diversas e diretas². Quando a pregação não tem o anúncio de Cristo como ponto central de seu conteúdo, corre sério risco de não ser bíblica e de haver centralização em outras pessoas ou situações, gerando na Igreja falta de maturidade cristã, conversões artificiais, pragmatismo, individualismo, utilização do *marketing* para crescimento da Igreja e outras tantas consequências.

Um livro, recentemente traduzido para a língua portuguesa, chama a atenção para a discussão acerca do padrão ético do pregador e dos cristãos em geral já pelo seu

(2003), ambos das Edições Loyola.

2 Robinson Cavalcanti, bispo anglicano, aponta, ainda, algumas consequências da falta de seriedade com a pregação e o anúncio da Palavra: "O rápido crescimento do protestantismo não tem sido acompanhado de